

FOLKCOMUNICAÇÃO MÍDIAS, DISCURSOS E GRUPOS VULNERÁVEIS: O CASO MARIELLE FRANCO: ¹

Betania Maciel ²

Resumo: *Através da teoria da Folkcomunicação apresentamos a discussão sobre o uso do grafismo como forma de expressão popular no caso Marielle Franco e os movimentos que suscitaram nas ruas e em espaços informais.*

Palavras-Chave: *Folkcomunicação 1. Marielle Franco 2. Midia informal3.*

O processo de globalização compreende fenômenos multi e interculturais que conferem expressões de manifestações culturais eruditas (status e prestígio) e populares (marginalizadas). Por ser um país de múltiplas culturas, o Brasil constitui-se como intersecção de povos, trocas, transformações e fusões de várias vertentes culturais indígenas, africanas, europeias. Esse fato influenciou o surgimento de classes e destacou a existência e persistência das diferenças nas posições sociais assumidas. A posição ocupada no espaço social comanda as representações e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo.

A história da colonização do Brasil mostra o processo de conflitos e lutas de classes que se refletiram na formação da língua portuguesa, expressos à luz dos aspectos mais marcantes para a Comunicação. A língua portuguesa trazida ao Brasil conservou-se com semelhanças à de Portugal nos centros litorâneos colonizados, espaço de constante intercâmbio comercial e cultural com a metrópole. Nas áreas rurais, por influência das línguas indígenas e dos falares dos negros que vinham para o Brasil dominando ou não o dialeto crioulo africano, observam-se maiores diferenças do padrão português.

A importância dos processos comunicativos nas sociedades urbanas, industriais e rurais revela-se na habilidade do falante em usar a sua língua para interagir com seus semelhantes, comunicando seus pensamentos, valores sociais, regionais, de faixa etária, de situação econômica, entre outros sentimentos e ações por meio de um sistema de signos – a língua. A

¹ Resumo expandido submetido à DTI 13 Folkcomunicação do XVI Congresso IBERCOM, Departamento de Comunicación, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia, 27 a 29 de novembro de 2019.

² UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco/POSMEX – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/Grupo ESUDA de Interlocução Acadêmica - Faculdade de Ciências Humanas ESUDA – PE- BRASIL. Doutorado em Comunicação Social -UMESP-BRASIL<betaniamaciel@gmail.com>

língua tem sido o eixo central do desenvolvimento social e cultural da humanidade e é um dos determinantes territoriais e culturais comuns a todos os povos, uma vez que ela está diretamente relacionada à identidade.

A linguagem é o índice por excelência da identidade, ou seja, todo ato de fala é um ato de identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e estão associadas às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na sociedade. A linguagem na qual nos expressamos não é sociologicamente neutra, mas carrega léxico sintaticamente, uma concepção de mundo. Portanto, sair do determinismo e compreender as contradições que envolvem os discursos e a formação dos seres sociais são desafios para se posicionar criticamente diante da reprodução de uma sociedade baseada em um contexto de dominação e de autolegitimação.

O que determina as escolhas linguístico-comunicativas é a situação concreta de comunicação e as das classes mais favorecidas têm sido prestigiadas em detrimento das de outras classes. Sendo assim, sua expressão é compreendida como representativa da sociedade de um país, sendo instrumento de dominação, impondo ideias e valores, deslegitimando outros que divergem do pensamento dominante. Vale ressaltar que a atribuição de prestígio a algumas manifestações comunicativas decorre de fatores de ordem social, política e econômica.

Por sua vez, a mídia, influenciada por esses fatores, também faz a sua seleção, baseada em seus interesses. Assim como a variedade linguística, os temas e conteúdos também são frutos de escolhas dos grupos dominantes, revelando um discurso legitimado, embora monológico. A comunicação padrão da mídia, determinada pelas mudanças de polos econômicos, políticos e culturais do país, reforça e é reforçada pelo preconceito que impõe, arbitrariamente, uma suposta superioridade sociocultural do falar urbano, dos escolarizados e letrados sobre o falar rural, dos analfabetos ou com pouco letramento, colocando esses grupos em situações de opressão e subalternidade.

Nesse contexto, os indivíduos das camadas populares, os subalternos, são meros espectadores midiáticos que, sem compreender o sentido das mensagens, reproduzem o que lhes é imposto, são alienados e alijam da sua vida o direito de exercer sua cidadania. Por subalternidade compreende-se a autorrepresentação, em processos políticos, linguísticos e identitários, imposta arbitrariamente a um grupo de indivíduos (SPIVAK, 1994). A referida

autora compreende por “sujeitos subalternos” aqueles cuja voz não dialoga com o locutor e o interlocutor, ou seja, há um silenciamento que corrobora a invisibilidade desses indivíduos.

A sociedade constrói mecanismos de reprodução social e cultural das relações de dominações que operam em diversas dimensões sociais, ou seja, entre grupos, classes e culturas. Esses mecanismos naturalizam as imposições, contribuem para a manutenção das desigualdades e intensificam a exclusão social, cultural, entre outras.

A imposição de um arbitrário cultural em uma sociedade baseada em relações de dominação se dá pelos interesses da classe dominante, sugerindo que o discurso midiático é senso comum, o discurso verdadeiro, de autoridade. Sendo o saber universalizado pela classe dominante uma potente arma ideológica para o processo de reprodução social (BOURDIEU, 2013), a análise dos discursos revela os processos de dominação e reprodução social, contribuindo para a contestação e subversão da ordem social.

Para Bourdieu (2013), numa formação social determinada, a cultura legítima, isto é, a cultura dotada da legitimidade dominante, é o arbitrário cultural dominante, ou seja, uma violência simbólica, na medida em que ele é desconhecido em sua verdade objetiva de arbitrário cultural e de arbitrário cultural dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 36).

A violência simbólica é a condição para a reprodução social por naturalizar e não questionar a imposição do arbitrário cultural dominante.

Assim, o acesso de minorias e grupos vulneráveis, considerados socialmente invisíveis em relações de poder, à informação é importante na medida em que se constitui em um fator de resistência à violência simbólica e de mobilidade social do indivíduo, pois ter conhecimento sobre a realidade pode favorecer o acesso a melhores condições de trabalho e de vida, além de poder exercer com plenitude seus direitos de cidadão.

Morin (2008), alerta para as ambiguidades, negativas e positivas, da globalização. Aquelas podem ser expressas pelas condições precárias de vida de grandes parcelas da população mundial, enquanto estas se referem ao fato de sermos interligados por diversas culturas, além de podermos construir nosso próprio destino em torno de um projeto solidário e inclusivo.

Assim, o acesso à informação deve ser um processo de ampliação do universo cultural do indivíduo, uma vez que sem o contato com a realidade, uma grande parte dos brasileiros fica excluída de práticas sociais que lhes proporcionam melhor integração e condição de exercício de sua cidadania. Vale ressaltar que esse acesso não deve se limitar aos textos

impressos, tradicionalmente eleitos pela elite, disponíveis para a leitura tais como jornais, revistas, livros, periódicos, etc. Atualmente, valorizam-se ações que evidenciam costumes, crenças, tradições e comportamentos, dentre outras maneiras de participação social, presentes em várias manifestações e que repercutem fortemente nas camadas mais populares e que rompem o isolamento social que a globalização impõe a comunidades periféricas.

Os estudos da Folkcomunicação, analisa como cada grupo se expressa e gera sua própria comunicação, através do canal mais adequado para que seu público se reconheça, se identifique nas mensagens. Para que isso ocorra, faz-se necessário pesquisas acerca das linguagens específicas utilizadas pelos indivíduos que compõem esses grupos e dos meios de expressão por eles utilizados. Os estudos da Folkcomunicação mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, das classes presentes na sociedade.

Mobilizações realizadas por grupos em defesa de uma causa podem ser apresentadas em diversas formas, são estilos de apresentações realizadas popularmente que carregam expressões simbólicas. As reivindicações políticas, crises econômicas e mudanças sociais e a luta pela inclusão social, são temas de protestos que apresentados pela mídia hegemônica sofrem descaracterizações, enquanto que nas manifestações populares elas são apresentadas na linguagem das artes, folguedos, teatros, danças, grafite. É a partir dessa expressão popular que apresentamos a discussão sobre o uso do grafitismo como forma de expressão popular.

Grafismo se refere à “expressão do pensamento em símbolos materiais”. O grafismo começou cerca de 30.000 anos aC, não como uma representação fotográfica da realidade, mas como uma abstração voltada para questões mágico-religiosas. O grafismo inicial era então uma forma de escrita que constitui uma “transposição simbólica, não uma cópia da realidade”. (PILAR, 2012, *Grifo nosso*)

Analisar os processos de grafismos tendo como foco as representações construídas acerca do engajamento público com a política referente ao caso Marielle Franco. O design gráfico e a tecnologia desempenharam um papel crucial ao ditar e reagir aos principais momentos políticos de nossos tempos.

Marielle Franco, vereadora do Rio e ativista dos direitos humanos, foi assassinada no dia 14 de março de 2018. Nascida no Complexo da Maré era conhecida por defender os direitos dos jovens negros, mulheres, moradores das favelas e LGBTIs. Também

desempenhou um papel fundamental na assistência às famílias dos policiais que morreram em conflitos nas favelas, em um contexto de uma política de segurança pública altamente militarizada no Rio de Janeiro. Seu assassinato representa uma ameaça para todos os defensores dos direitos humanos no Brasil.

Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14 de março de 2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. “Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte” (Relatório da Comissão de Defesa da Mulher Câmara Municipal do Rio de Janeiro 2017 – 2018).

Gráficos, ilustrações, arte e poesia têm sido cada vez mais usadas de maneiras inteligentes para expressar opiniões. Ilustradores profissionais, designers e o público tomaram parte nisso, pois o protesto gráfico possibilita às minorias e grupos vulneráveis a apropriação de informações e conhecimentos sobre as relações de poder em que se estrutura a sociedade, através da comunicação acessível, a Folkcomunicação favorece a compreensão do processo social global. Nesse contexto, a Folkcomunicação desempenha relevante papel no processo de inclusão social.

O saber acaba levando ao questionamento das relações sociais, mediante um processo de conscientização do real significado dessas relações enquanto relações de poder, revelando inclusive a condição de contradição que as permeia. (BOURDIEU E PASSERON, 1982, p. 52).

A folk comunicação é considerada uma área inovadora de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação por ser mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, uma vez que atua em fluxos bidirecionais e em ações sedimentares de processos de hibridação simbólica. Seu objeto de pesquisa se situa na fronteira entre o Folclore e a Comunicação de Massa.

O Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação culturais protagonizadas pelas classes subalternas e a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural (BELTRÃO, 2001). Segundo o autor, ela é o processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas), fundamentado nas teorias norte-

americanas da *mass communication* e nas teses da “Dinâmica do folclore” de Edison Carneiro.

Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Marques de Melo (1980) afirma que ela representa uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. Se o indivíduo desconhece a linguagem ou não pertence ao mesmo universo discursivo do comunicador, ele buscará conexão com grupos familiares, ideológicos ou profissionais para se esclarecer.

Para a sociedade de massa, faz-se necessária a comunicação maciça, coletiva, que, utilizando diferentes instrumentos e técnicas, fornece mensagens de acordo com a identidade de valores dos grupos e, dando curso a diferentes pontos de vista, fomenta os interesses comuns, ora desintegrando ora criando solidariedades sociais.

Foi a partir da publicação do primeiro jornal impresso em larga escala e ampla distribuição, ou seja, do surgimento da mídia massiva no país, que se criaram os distanciamentos dos segmentos que passam a ser “marginalizados” porque “esquecidos” pelas grandes mídias. Esses segmentos da população contam com seus próprios métodos de transmissão de informação para sobreviver na sociedade e são considerados os usuários da Folkcomunicação e são divididos em três grandes grupos: 1. Os grupos rurais marginalizados, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual; 2. Os grupos urbanos marginalizados, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso; 3. Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou a estrutura social vigente.

Os públicos usuários do sistema de Folkcomunicação, classificados como marginalizados, e as expressões derivadas do fenômeno da marginalidade são suscetíveis de várias significações e de conotações específicas no cotidiano e nas ciências sociais. Butler (2003a, b) afirma que todo modo classificatório é excludente.

Em 1928, Robert Park utilizou pela primeira vez a expressão marginal em artigo sobre as migrações humanas, publicado no *American Journal of Sociology*. O migrante (estrangeiro) é conceituado como um “híbrido cultural”, um “marginal”, que compartilha da

vida e das tradições culturais de dois povos distintos, mas não rompe com suas tradições e seu passado e nunca é completamente aceito devido ao preconceito racial, na nova sociedade em que está se inserindo. Considerando-se a essência das características (oposição à mudança/preconceito), o marginal é alguém que está à margem de duas sociedades e duas culturas que não se fundiram completamente.

Posteriormente, o marginal passou a ter significado pejorativo, sendo relacionado a um elemento perigoso, ligado ao mundo do crime, fora-da-lei, vagabundo, violento, bêbado, drogado, prostituto e ladrão; e foi utilizado para se referir “aos pobres em geral, desempregados, migrantes, membros de outras subculturas, minorias raciais e étnicas e transviados de qualquer espécie” (PERLMANN, 2007).

São aspectos importantes do surgimento e caracterização da marginalidade a influência da invasão do exterior, como ocorreu na América Latina, onde “o processo da colonização implicou não apenas conquista e invasão, mas contato cultural e manipulação diária da população indígena”, o que colocou as culturas existentes numa situação marginal; e ainda a inexistência do fenômeno em sistemas tribais ou feudais, já que o primeiro “não implicava conceito de superioridade” e, no último, “havia a aceitação tácita da sua posição e da natureza hierárquica da sociedade”.

A revolução burguesa e sua ideologia, bem como a revolução industrial contribuíram para a caracterização do fenômeno da marginalidade. São contrapostas as elites, representantes do poder político-econômico e do desenvolvimento sociocultural, e as minorias e grupos vulneráveis, indivíduos e grupos sem condições ou a quem sempre são negadas condições de alcançá-los, por sua pobreza, por suas culturas tradicionais, pelo isolamento geográfico, rural ou urbano, pelo baixo nível intelectual ou pelo inconformismo ativo e consciente com a filosofia e/ou a estrutura social dominante.

A invisibilidade e subalternidade das camadas mais populares na mídia está presente na memória coletiva das classes dominantes e é corroborada pela própria mídia, ou seja, o que é veiculado na mídia é prévia e ideologicamente selecionado e se constitui em validador e definidor de identidades marginalizadas e subalternizadas.

Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a brasileira, as populações marginalizadas rurais e urbanas, bem como extensas áreas proletárias ou de subempregados se comunicam através de um vocabulário escasso e organizado em

significados funcionais próprios dentro dos grupos. O domínio dos meios de comunicação atende a interesses particulares e confere poder político-cultural que se sobrepõe a grupos sem educação formal que lhes capacite a compreender, interpretar, organizar e criticar as mensagens. A redução desses desafios exige a colaboração de todos, através da emissão de mensagens, através dos meios de massa, compreensíveis para grande parte da audiência.

A luta pela transformação social, pelas causas específicas das minorias e grupos vulneráveis, como a de mulheres, deficientes, pobres, negros, homossexuais, entre outros, pode ser compreendida pela análise do processo histórico de construção das identidades minoritárias e/ou vulneráveis como elas foram traçadas, organizadas e reatualizadas. A análise dos discursos de práticas e lutas contra preconceitos, injustiças e exclusões, revela a pluralidade de possibilidades que constituiu esse campo e contribui para a construção, desconstrução e reconstrução de identidades, produzindo subjetividades dissidentes, transculturais e transindividuais, que têm sua fonte na cultura.

Portanto, esta pesquisa sobre a natureza, os elementos e a estrutura, os agentes e usuários, o processo, as modalidades e os efeitos da Folkcomunicação justifica-se por termos no Brasil um alto índice de analfabetos, de pobreza e de má distribuição de renda que está em constante ameaça de crises e instabilidades político-econômicas. Para tanto, alcançamos nesta pesquisa os objetivos propostos, ou seja, analisar os discursos midiáticos local, nacional e internacional através do grafismo sobre o caso Mariele Franco; refletir acerca dos mecanismos simbólicos explorados por esse gênero de comunicação cultural; discutir o papel do grafismo como instrumento de poder, apoio e disseminador das causas das minorias e dos grupos vulneráveis.

Confirmando a invisibilidade dos indivíduos subalternos, a literatura, a arte, os valores, as crenças, os ritos, a medicina e os costumes das camadas sociais populações menos cultas, os seus meios de informação e de expressão continuam ignorados pelo governo e pela elite, o que gera a não comunicação entre as classes dominantes e a massa.

Então, valendo-se de formas tradicionais e típicas de expressão, características de sua cultura, os subalternos resistem à imposição cultural das elites para manter a sua herança artístico-comunicativa. Valores, crenças e manifestações culturais de resistência configurando

o espírito popular e tradicional do patrimônio de uma sociedade e garantem a preservação do passado, bem como permitem formar o futuro.

Bibliografia

- ABDALA JUNIOR, B. **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- ARRUDA, G.; TORRES, D.V.; ZUPPA, G. (org.) **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Ed. da UEL, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. SP/Brasília: Hucitec/Edunb. 1993.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação- Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias (tese de doutorado)**. Coleção Comunicação da EDIPUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- _____. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- BOAS, Franz. Raça e progresso. In: **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, pp. 67-86.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 2013.
- BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- CAMARGO, M. R. R. M.; SANTOS, V. C. C. (orgs). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2006, pp.329-376.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003a.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol.01. Rio de Janeiro, Graal, 2005.
- HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra In: HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, UFMG, 2003, pp.317-330

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. **Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo**; Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII. México: Fondo de CulturaEconómica, 2007.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GONDAR, Jô. **Memória, poder e resistência**. In: GONDAR, J. E BARRENECHEA, M. **Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

_____; BARRENECHEA, M. **Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria LTDA., 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: dp&a editora, 2009.

_____. **Da diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. (org.) **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage/The Open University, 2007.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

MARQUES DE MELO, José. O folclore midiático. In: **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 269-272.

_____. Comunicação, região, desenvolvimento. In: MARQUES DE MELO, BRUM, LINHARES, BRITO & GOBBI (orgs). **Comunicação, região & desenvolvimento**. Campo Grande: UNIDERP, 2004b, p. 19-26 .

_____. **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980.

MIGNOLO, W. D. **Histórias Locais/ Projetos Globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____. **Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom**. Theory, Culture & Society SAGE, Los Angeles, London, New Delhi, and Singapore, Vol. 26(7–8): 1–23, 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____; BASTOS, L. C. (orgs). **Identidades**. Recortes Multi e Interdisciplinares. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Desenvolvimento e marginalidade**. Pioneira: São Paulo, 2007.

PERLMANN, Janice E. **O mito da marginalidade**. Paz e Terra: Rio, 2007.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. - 2ª edição rev. amp. – Porto Alegre : Penso, 2012.

POLAR, Antonio Cornejo. **O Condor Voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ROBERTSON, R. **Globalization: Social Theory and Global Culture**. Londres: Sage, 2010.

SIGNORINI, I. (org.) **Linguagem e Identidade**. São Paulo, Fapesp; Campinas, Mercado de Letras, 2008.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.